

"O Globo" 8.6.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

A HANNA E O E. SANTO

A NOTÍCIA de que uma grande empresa estrangeira, a Hanna, vai exportar minério de ferro pelo porto do Rio despertou logo duas reações típicas. A primeira, do gênero "os americanos tomam conta de nosso ferro"; a segunda, do tipo "cem milhões de dólares por ano para o Brasil".

É evidente que um assunto de tanta importância não pode ser abordado de maneira tão simplista, de acordo com posições previamente tomadas. Ele deve ser estudado dentro do panorama de uma política geral relativa à siderurgia e aos minérios nela usados, como o ferro e o manganês; mas também é preciso levar em conta questões de economia geral do País, ligadas a esse assunto. Não basta saber, por exemplo, que o frete do minério permitirá acabar com o déficit crônico da Central do Brasil. É lamentável que a Central do Brasil seja deficitária, mas também é preciso lembrar que sua função não é dar lucros, e sim servir à economia nacional. Também não sabemos se a Vale do Rio Doce opera em condições ótimas ou não — mas não podemos encarar-la apenas como uma empresa exploradora e exportadora de minério de ferro. Ela adquiriu uma grande importância na vida econômica e social de Minas e do Espírito Santo. O Governador Lindenberg já deu o alarma: Uma concessão que prejudique a Companhia Vale do Rio Doce prejudicará de maneira fundamental o desenvolvimento do Estado do Espírito Santo. Essa companhia não apenas dá empregos que servem de subsistência a muitas famílias capixabas como está assumindo um papel primordial na luta pelo erguimento econômico do Estado. Ela garante o transporte econômico de uma região nova de grande produção até o porto de Vitória; ela colabora com o Governo do Estado para a ampliação e melhoria do porto e no aproveitamento do potencial de energia elétrica. O Espírito Santo tem um destino industrial, e esse destino depende, entre outras coisas, da construção de uma usina como a Suíça; ameaçada a Vale do Rio Doce, essa construção será tornada impossível em um futuro próximo.

Sejam quais forem os inconvenientes das empresas estatais, elas têm a vantagem de operar não apenas na estrita base do lucro, mas levando em conta os interesses econômicos e sociais das regiões em que são localizadas.

Americano não é capeta, que nos leve a fazer o sinal-da-cruz à simples menção de seu nome. Mas a promessa de milhões de dólares também não nos deve ensardecer a ponto de deixar de lado interesses mais sérios e permanentes de nossa economia e de seu desenvolvimento em benefício de nossas populações.

94